



Espera e sofrimento

Maria e o filho Diego, que desde domingo apresenta febre alta: três horas na fila

Mães enfrentam longas filas

A sala de espera do Pronto Socorro do Tatuapé, hospital municipal situado na Zona Leste, que não estava em greve, permaneceu cheia durante todo o dia de ontem. Segundo o chefe do PS, o médico Victorino Lagonegro, a greve na rede estadual acabou empurrando para os outros hospitais principalmente os casos mais graves, de urgência.

Entre as mães obrigadas a esperar até três horas a vez de serem atendidas estava a dona de casa Maria de Lima Donadio. Ela carregava nos braços um garoto ofegante e abatido: o seu filho Diego, de 13 meses, que desde o domingo vinha sofrendo com febres intermitentes.

Maria e o filho chegaram ao PS pouco antes das 14 horas, depois de terem rodado uma hora de ônibus, e só foram atendidos por volta das 17 horas. "Eles deviam cuidar mais rapidamente dos casos

de febre alta", lamentou a mãe, baixinho. Para ela não existe outra opção a não ser este tipo de serviço, que funciona precariamente mesmo fora de períodos de greve. No momento, a família de Maria, que tem mais três filhos, vive do que ela ganha como faxineira. O marido, metalúrgico, está desempregado há três meses.

Na mesma fila de espera do PS do Tatuapé encontrava-se a mãe Luciana Campos, de 25 anos. Como no caso de Maria, ela levou a filha de 3 meses ao médico por causa de febre alta e dificuldade para respirar. Não gostou de esperar três horas por uma consulta que durou cinco minutos, mas não chegou a indignar-se. A sua renda, como auxiliar de escritório, somada com a do marido, que, após perder o emprego de balconista, vive como autônomo, é de Cr\$ 6 milhões.